



O conhecimento em medicina caminha célere.

Em particular na área de conhecimentos afeitos à Hipertensão Arterial tem sido ainda mais rápido o acréscimo de informações gerando novos conceitos ou mesmo modificando velhos e consolidados paradigmas.

Referindo-se, por exemplo, ao comportamento da pressão arterial não podemos deixar de considerar que, não mais do que há duas décadas, somente considerávamos duas possibilidades: normotensão ou hipertensão.

Com o advento de métodos de avaliação da pressão fora do ambiente do consultório médico, tais como a MAPA e a MRPA, foram identificadas mais duas condições considerando-se outros dois cenários comportamentais identificados como: Hipertensão do Avental Branco e Hipertensão Mascarada ou Normotensão do Avental Branco.

No que se refere ao tratamento medicamentoso da hipertensão arterial, por exemplo, questiona-se atualmente a utilização de medicamentos outrora consagrados para uso generalizado, salvo as naturais contra-indicações, como os bloqueadores beta-adrenérgicos.

O tratamento não medicamentoso, por todos recomendado, porém por muitos criticado pela falta de evidências em desfechos clinicamente relevantes, passou a ser suportado por conclusões que apontaram, ainda que em grupos distintos de pacientes, para a redução de mortalidade, dentre outras, por Doença Arterial Coronariana e Doenças Cardiovasculares em geral.

Adicione-se a essas considerações também o fato de que, por intermédio de estudos muito bem conduzidos, identificaram-se metas de pressão arterial que, se atingidas, concorrem para uma melhor evolução dos hipertensos tratados. Nesse contexto podemos considerar os pacientes com hipertensão associada ao diabetes melito, à insuficiência renal e aqueles de alto ou muito alto risco.

Esses fatos nos obrigam a uma constante vigilância em relação aos conhecimentos que vão sendo gerados e necessitam ser incorporados à nossa prática.

Outro aspecto, agora afeito a esse número específico da **Revista Brasileira de Hipertensão**, refere-se à Hipertensão Arterial na população de indivíduos idosos: tema central da revisão sistemática desta edição.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística estimam em aproximadamente 14,5 milhões o número de idosos em nosso país. Além do impacto desse número absoluto, observa-se uma tendência de crescimento gradativo dessa população, consolidando ainda mais a sua importância.

Considerando-se que nos idosos, particularmente nos grupos de idade mais avançada, pode chegar a 50% a taxa de prevalência de hipertensão arterial, justifica-se plenamente um número deste periódico destinado a esse tema.

Fernando Nobre
Editor